

## O LUGAR DA LITERATURA REGIONAL NO ENSINO

Marta Helena Cocco<sup>1</sup>



**Resumo:** Este artigo pretende evidenciar a relevância da inclusão, nos currículos escolares, de obras produzidas na região em que os estudantes vivem, pela importância da literatura como conhecimento também da realidade do entorno e da reflexão sobre a formação do cânone nacional. Assinala-se, nessa inclusão, o cuidado com os critérios de seleção de obras e uma reflexão sobre identidades culturais.

**Palavras-chave:** identidades culturais; regionalismo; ensino; literatura mato-grossense; currículo escolar.

**Abstract:** This article aims to highlight the need of including literary works produced in the region where students live in their school curriculum, due to the importance of literature as well as encouraging the identification of their reality and reflection on national canon formation. Both the criteria of selection of works and reflection on cultural identities are taken into consideration.

**Keywords:** cultural identities; regionalism; teaching; mato-grossense literature; school curriculum.

Todas as reflexões, discussões, projetos de pesquisa ou extensão e até mesmo eventos artísticos de que tenho, de alguma forma, participado ou tenho testemunhado, nos últimos anos, em Mato Grosso, sempre me instigam a relacioná-los com o ensino. Assim, no âmbito da literatura produzida em Mato Grosso (compreendida como a definiu primeiramente Yasmin Nadaf<sup>2</sup>, referindo-se a obras produzidas por mulheres, seguida por Hilda Magalhães<sup>3</sup>, que estendeu o critério independentemente de gênero, depois Carlos Gomes de Carvalho<sup>4</sup> e, antes, ainda, de forma subentendida em sua historiografia, Rubens de Mendonça), em virtude das várias ações públicas e privadas, institucionalizadas ou pessoais que têm sido realizadas no sentido de formação do cânone, de criação de grupos de pesquisa, de recuperação de obras esgotadas ou quase extintas, de organização de antologias com base em publicações de periódicos, de análise crítica de obras publicadas, de estudos sobre a constituição das identidades locais por meio de obras de arte, de incentivo à publicação de novos autores, etc., sinto-me desafiada a tratar de uma etapa fundamental dessas ações, que é o ensino. Não me ocuparei do consumo da literatura em outros espaços que não a sala de aula. Também assinalo que esta é uma discussão inicial, bastante marcada pela experiência adquirida durante a prática docente não apenas universitária, mas também com o ensino médio há alguns anos atrás. Espero

que possa ser acrescida, posteriormente, inclusive com experiências, críticas, sugestões e pesquisas de outros profissionais.

Antes de focalizar a literatura regional, inicio uma discussão bastante aprofundada por pesquisadores de várias regiões do Brasil sobre a diluição do conteúdo da literatura, no ensino médio, num componente curricular mais amplo, o das linguagens, nos atuais parâmetros curriculares. Opondo-se a essa diluição, lemos em **Orientações curriculares para o ensino médio - linguagens, códigos e suas tecnologias** (OCEM, doravante), a posição que defende a autonomia e a especificidade da literatura, assinada por consultores e leitores críticos, entre eles, Ligia Chiapini, Haquira Osakabe e Maria Zélia Versiane:

Embora concordemos com o fato de que a Literatura seja um modo discursivo entre vários (o jornalístico, o científico, o coloquial, etc.), o discurso literário decorre, diferentemente dos outros, de um modo de construção que vai além das elaborações lingüísticas usuais, porque de todos os modos discursivos é o menos pragmático, o que menos visa a aplicações práticas. (OCEM, 2006, p.49).

Um dos pontos de vistas opostos ao das OCEM aponta como uma das soluções a formação do professor, ou seja, a ideia de que a dicotomia língua-literatura não faz sentido quando o professor possui um conceito amplo de



linguagem<sup>5</sup>. Não me estenderei sobre essa discussão, mas reconheço que ela antecede a que dispõe sobre o regional.

Este recorte, entretanto, concentrar-se-á nesse último aspecto, percorrendo, antes, um caminho que vai do geral ao particular. Pensando a literatura como conhecimento e a formação do leitor como uma das mais importantes funções da escola, vemo-nos diante de um cenário em que a literatura, fora da escola, concorre com outras formas midiáticas, em que prepondera a cultura de massa. Na escola, em tese, seu *locus* mais importante, a disciplina perde a autonomia. Assim, antes de mais nada, parece ser urgente a defesa da especificidade da disciplina ou do compromisso do profissional de letras para então discutir – o que não faremos aqui – o que as ementas contemplam e como o ensino tem sido realizado.

Outro item importante, para seguir no viés da exclusão, também discutido nas “OCEM”, são as falhas apresentadas nos programas curriculares pré-estabelecidos em livros didáticos e apostilas (em que se privilegia a história da literatura, e não o estudo aprofundado das obras literárias), pois embora garantam algumas vantagens, expõem fraturas, como a não inclusão das literaturas ditas regionais, item que nos interessa aqui:

Podem-se destacar alguns pontos positivos e simultaneamente negativos da adoção da história da literatura no ensino tal qual se tem cristalizado: 1. resolve o problema da seleção de obras, pois constitui um corpus definido e nacionalmente instituído, mas elimina as peculiaridades regionais. (p. 76).

No caso de Mato Grosso, se admitimos a existência de uma literatura regional ou, pelo menos, de uma literatura com todas as possíveis variações de temas, estilos, etc. produzida em Mato Grosso, temos de admitir que há, no nosso caso, a presença do livro e do autor, consideradas as relativas proporções em comparação a outras regiões, e há a do leitor, mas essa é ainda tímida. Sobre a existência de literatura como sistema, em Mato Grosso, Mario Cezar Silva Leite (2005) acentua a sua configuração a partir de certos momentos históricos, instituições (Instituto Histórico e Geográfico e Academia Mato-grossense de Letras) e atores, em convergência com o discurso regionalista:

A partir de determinado momento específico organiza-se um sistema literário tendo como fator central o discurso regionalista que deu, e dá desde então, uma certa coesão entre os três elementos envolvidos, escritores-obra-leitores, e estabelece um certo conjunto - isto é, o sistema organiza-se a partir e em torno do discurso regionalista; segundo, este sistema assim organizado não pode ser pensado sem se considerar, como parte absolutamente interna de sua configuração, as figuras centrais de sua fundação; e, terceiro, também não pode ser pensado sem se considerar a produção literária, biográfica ou histórica, os discursos, criados-elaborados sobre essas figuras – responsáveis pela construção efetiva de suas imagens. Daí que, por ora, parece-me indispensável sinalizar para a centralidade das duas instituições citadas acima e para duas das mais emblemáticas figuras de todo este processo, no primeiro momento regionalista mais identificável: Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita. (LEITE, 2005, p. 237).

Dentre os três elementos do sistema cuja fórmula vem de Antonio Candido<sup>6</sup>, o último, como já dissemos, ainda é deficitário no caso de Mato Grosso. Para resolver tal questão (reduzido número de leitores), universidades locais têm começado a investir na formação de professores para o ensino, trazendo à cena obras e respectivas leituras críticas, com vistas à multiplicação desse conhecimento nas escolas.

Por que é importante que o currículo contemple obras regionais? A resposta parece tão óbvia que a pergunta poderia ser igualmente assim considerada. Mas, quando o assunto é ensino, nunca é demais repetir. Se pensamos a literatura como forma de conhecimento e como um “direito de todo cidadão”<sup>7</sup>, conforme Candido, não podemos privar esse cidadão da reflexão, do pensamento crítico acerca da realidade do seu entorno, o que é possível por meio de obras cujos temas incidam sobre o local (não apenas como espaço geográfico, mas, sobretudo, local como espaço de reflexão sobre a vivência de seres da natureza, inclusive os humanos, considerados em sua historicidade). No caso de obras produzidas no local, com temas que tendem à “universalidade”, é inegável a importância de se observar como o artista que habita determinado espaço (por mais que peregrine, viaje por outros) imagina e recria o mundo a partir de um ponto de referência e como dialoga com outros mundos.

Também é importante, a partir da inclusão de

obras produzidas na região e que tenham mérito qualitativo, discutir, tanto para as publicadas contemporaneamente, mas, sobretudo, no caso das extemporâneas, o porquê de não fazerem parte do cânone nacional apresentado em apostilas e livros didáticos. Considerando que uma das hipóteses a ser formulada seja a do distanciamento geográfico do eixo Rio-São Paulo, onde se concentram as principais editoras e a maior densidade demográfica, além dos aspectos econômicos, cabe refletir, na sala de aula, sobre os critérios de constituição do cânone e sobre as formas como a região tem sido representada ao longo do tempo, em textos literários e impressos em geral (como jornais e revistas) e como essas representações adquirem caráter performativo e passam a constituir as subjetividades/identidades dos habitantes de uma região.

Partindo da suposição de que o ensino da literatura regional esteja garantido, antecipo duas preocupações relativas a seu ensino. Uma é a de que as obras regionais ocupem o merecido espaço por méritos qualitativos e que não destituam o espaço de outras obras importantes, canonizadas ou não, de outras literaturas, para que a região ou o regional não se sobreponha a outros critérios e não ocorram fatos como os relatados por Osakabe e por ele considerados um equívoco:

Considerando grandes nomes da história literária, Shakespeare por exemplo, como sinônimos da dominação branca, muitas foram as vozes favoráveis a sua eliminação dos currículos escolares, em benefício de nomes mais locais, de maior presença na vida imediata das diferentes comunidades. Evidentemente o que se pretendia, num primeiro momento, não seria a substituição de um padrão por outro, mas uma ampliação do universo cultural, que deveria necessariamente contemplar as produções mais significativas da história próxima. Mas, o equívoco se instalou como verdade moral e gerou discussões confusas em que se misturavam história cultural, conquistas políticas, avanço científico e também bastante complacência teórica. (OSAKABE, 2005, p. 39).

Sobre o mérito qualitativo, no caso de Mato Grosso, em que as obras consideradas regionais (as produzidas na região independentemente do tema) são muito pouco lidas, o consumo e a circulação não servem como parâmetro para medir a qualidade, aliás, esses itens não servem como parâmetro em nenhuma literatura. Então, aqui

reside o papel fundamental da pesquisa, sediada, predominantemente, nas universidades, que deve revelar as qualidades de um texto e, mais importante, a publicação dessa pesquisa, de modo que alcance toda a comunidade escolar, não apenas a universitária. É sabido que falar sobre qualidade em arte constitui tema polêmico, especialmente hoje - na chamada pós-modernidade ou modernidade tardia, etc. -, em que o estético tem sido deslocado em favor do político. É preciso atentar para que o político não seja um "tiro pela culatra", fazendo com que grandes obras da literatura e o respectivo conhecimento que as mesmas encerram não sejam preteridas ou lidas apenas por uma parcela privilegiada de estudantes, justamente os que já se encontram na posição centro-incluídos.

Tratando-se da inclusão/exclusão de certas obras regionais do cânone nacional, é evidente que, num primeiro momento, está-se garantindo a afirmação do local frente à tentativa de homogeneização e padronização do gosto pretendida pelo mercado global. Sobre o assunto, Walnice Vilalva (2008) assinala a presença das historiografias regionais como a afirmação da diferença e alteridade diante da pretensa ideia de unidade e integração das historiografias nacionais:

O adjetivo, qualquer que seja ele, cearense, sergipano, mato-grossense, etc., deflagra não um exacerbado juízo de individuação e singularização, quer seja regional, quer seja local, mas nomeia precisamente o espaço da exclusão: aquilo que não pertence ao nacional ou à brasileira. Nessa proposta historiográfica salta o desejo de sobrevivência, de leitura e de valorização dos textos catalogados. (VILALVA, 2008, p. 13).

Nesse sentido, o ensino da literatura regional é ainda mais importante, porque contribui para o reconhecimento e a afirmação da diferença. Pensando a literatura e seu ensino em qualquer nível, teríamos a diferença do regional frente ao nacional. Enquanto os currículos escolares apresentarem a velha configuração (períodos e escolas literárias brasileiras), o regional seria definido pelo espaço do reconhecimento e da inclusão. Dentro da própria região, recomenda-se o cuidado para que algumas das obras que pertencem ao *corpus* denominado regional não produzam a afirmação de identidade única de uma região, e sim de identidades, já que nela nunca

houve e cada vez menos há/haverá uma vivência homogênea. É preciso pensar sobre como alguns modos de viver e alguns símbolos culturais existem no local, assinalando que nada existe casualmente (embora possam fazer parte da natureza, não “caíram do céu”).

A pergunta a ser feita é: os símbolos da minha cultura podem ser resultado de produções e processos relacionados a algum tipo de poder? Pode-se estender esse raciocínio ao próprio questionamento do cânone. Incluir algumas obras no repertório dito nacional significa, dentro da região, escolher, dentre todas, aquelas que melhor a representariam (a região) de acordo com determinados critérios. Isso não significa julgar a formação do cânone local, apenas chamar a atenção para o fato de que ele também é uma produção. Por essas razões, há a preocupação de que o ensino da literatura regional não contribua para a formação/consolidação de uma concepção essencialista de cultura, em que se considera tudo o que é “nosso/meu” de valor maior e melhor do que o que é do outro.

A partir de uma experiência com alunos de graduação em Letras, em que essa hipótese foi confirmada, sugeri que o ensino de uma literatura considerada regional deve incluir, na análise das obras, discussões sobre a constituição das identidades, sobre o conceito de região nas várias áreas do conhecimento e sobre o regionalismo. Pode-se, também, em currículos do ensino superior, debater, comparativamente, o modo como o regionalismo literário tem sido constituído nas diferentes regiões brasileiras, nas diferentes temporalidades.

Essa proposta surgiu pela atualidade do tema, dadas as novas configurações espaciais de países e regiões por conta da globalização e, também, como advertência para que o ensino de literatura não sirva à consolidação de concepções essencialistas de cultura, nem a justificativas ufanistas que, num primeiro momento, podem soar como atitudes ingênuas e inofensivas, mas, posteriormente, podem desencadear fundamentalismos com reflexos nas atitudes dos sujeitos (no convívio social) sobre os quais tenham agido os signos das identidades. Um desses fundamentalismos pode ser o literário, baseado na exaltação de todas as obras produzidas no e sobre o local e no desprezo a outras, talvez de maior mérito, por serem de outros locais.

Outro fundamentalismo se verifica quando

convivem, num mesmo espaço, pessoas de diferentes identidades culturais, caso de Mato Grosso, hoje, por ser um território de confluência de vários fluxos migratórios e imigratórios. Já observei, pessoalmente, casos de discriminação pelas identidades culturais, por pessoas que não as compreendem como resultado de produções discursivas, em que a suposta identidade da maioria prevalece, ou prevalece a identidade do grupo de maior poder econômico. Daí resultam preconceitos de todo o tipo. Nesses casos, considero fundamental a atuação da escola e, especificamente, do ensino da literatura regional com ementa que contemple o estudo da formação das identidades, para que o debate e a reflexão daí originados seja o responsável pelo respeito à diferença, em acordo com o que diz a respeito Tomás Tadeu da Silva (2000):

Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Mas será que as questões da identidade e da diferença se esgotam nessa posição liberal? E, sobretudo: essa perspectiva é suficiente para servir de base para uma pedagogia crítica e questionadora? Não deveríamos, antes de mais nada ter uma teoria sobre a produção da identidade e da diferença? Quais as implicações políticas de conceitos como diferença, identidade, diversidade, alteridade? O que está em jogo na identidade? Como se configuraria uma pedagogia e um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las? (SILVA, 2000, p.73).

A presença da literatura na escola/universidade é imprescindível, inclusive a regional. Não constitui problema o educando/leitor orgulhar-se do local onde vive, das coisas da sua terra. Pelo contrário, é importante porque afirma o seu valor. No caso da literatura, entre outros, traz à tona também reflexões sobre a formação do cânone, como já foi assinalado. O problema apenas surge quando o orgulho passa a ser índice de uma suposta superioridade diante do outro e de uma ingênuo compreensão de cultura, o que

deve e pode ser evitado. Não custa repetir: o ensino que problematiza a produção das diferenças pode ser um grande aliado na formação das sociedades sustentáveis, tão defendidas nos discursos políticos.

Enfim, o lugar do regional na literatura, instaurado pelo político e pelo estético, deve ser garantido em todas as escolas e universidades.

1 - Mestre em Estudos da Linguagem pela UFMT e Doutoranda em Letras e Lingüística pela UFG. Professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, campus de Tangará da Serra. E-mail: martacocco@uol.com.br

2 - Em artigo publicado nos anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura, em 1996, diz Yasmin: "deve-se entender por essa literatura, aquela que foi e está sendo produzida pelas mulheres nascidas em Mato Grosso que escrevem em Mato Grosso ou em outras regiões, bem como pelas mulheres de outras regiões que escrevem em Mato Grosso" (NADAF, 1996, p.467).

3 - Hilda Gomes Dutra Magalhães definiu como literatura mato-grossense "os textos escritos por autores que nasceram em Mato Grosso ou que nele residem (ou tenham residido), contribuindo para o enriquecimento da cultura do Estado" (MAGALHÃES, 2001, p.3).

4 - Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, em antologia de poemas, diz: "Considero como mato-grossenses não apenas os natos mas igualmente àqueles que, vivendo aqui, produziram, e produzem, a sua obra literária" (CARVALHO, 2003, p.15).

5 - Sobre esse tema, ver o artigo de Beth Brait, "Leituras, formas vivas de surpreender significações", publicado pela Editora da UEL.

6 - Candido distingue manifestações literárias de literatura e, para haver esta última, impõe a necessidade de um sistema formado principalmente por estes denominadores: "a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros" (CANDIDO, 2000, p.23).

7 - Candido assevera o "direito à literatura" em artigo assim concluído: "Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito

inalienável" (CANDIDO, 2004, p.191).

8 - A pesquisa foi publicada integralmente no livro **O ensino de literatura produzida em Mato Grosso: regionalismo e identidades**.

Aceito para publicação em 01.06.2009

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Orientações Curriculares para o ensino médio. In: \_\_\_\_\_. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. p.49- 83. v.1.

BRAIT, Beth. Leituras, formas vivas de surpreender significações. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; LIMOLI, Loredana. (Orgs). **Entrelinhas: entretelas: os desafios da leitura**. Londrina: Ed. UEL, 2001. p. 1-20.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

\_\_\_\_\_. Direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p.169-192.

CARVALHO, Carlos Gomes de. **A poesia em Mato Grosso**. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.

COCCO, Marta Helena. **O ensino da literatura produzida em Mato Grosso: regionalismo e identidades**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2006.

LEITE, Mário Cezar Silva. Literatura, regionalismo e identidades: cartografia mato-grossense. In: \_\_\_\_\_. **Mapas da mina: estudos da literatura em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005. p.237-254.

MAGALHÃES, Hilda. **História da literatura do Mato Grosso: séc.XX**. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MENDONÇA, Rubens. **História da literatura mato-grossense**. 2.ed. Cáceres: Ed. Unemat, 2005.

NADAF, Yasmin Jamil. Literatura mato-grossense de autoria feminina: séculos XIX e XX. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 6., 1995, Rio de Janeiro) **Anais...** Rio de Janeiro: Nielm, 1996, p.467-484.



OSAKAB, Haqira. Poesia e indiferença. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zeia (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005. p. 37-54.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p.73-102.

VILALVA, Walnice. Identidade e nacionalismo: caminhos da historiografia literária brasileira. **Revista Alere**, Revista do Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino, Universidade do Estado de Mato Grosso, campus Universitário de Tangará da Serra, v. 1, n. 1, p.9-13, 2008.

